
**LEITORES E LEITURAS D'O QUINZE DE
RACHEL DE QUEIROZ.**

Gilberto Gilvan Souza Oliveira

Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará com bolsa Capes. Atualmente compõe o grupo de estudos Vilém Flusser, coordenado pela professora Gabriela Reinaldo (UFC). gilbertopjmp@gmail.com

LEITORES E LEITURAS D'O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ.**LECTEURS ET LECTURES D'O QUINZE DE LA RACHEL DE QUEIROZ**

Gilberto Gilvan Souza Oliveira

RESUMO

Publicado em 1930, pelo *Estabelecimento Gráfico Urania*, o romance *O Quinze* foi e é objeto de estudo de diversos pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento. No campo historiográfico, é predominante o uso do mesmo como fonte para estudar a seca de 1915, no Ceará. O presente estudo tem como objetivo refletir como as edições, a produção historiográfica e a crítica literária constroem um “leitor ideal” para o romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz por meio da criação, construção e inserção de protocolos de leitura. Em as palavras, procuramos discutir sobre as relações dos leitores com o texto e o livro (suporte). Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa edições d'*O Quinze*, artigos de crítica literária e produções historiográficas sobre o romance de estreia de Rachel de Queiroz.

PALAVRAS-CHAVE:

O Quinze; protocolos de leitura; leitor ideal.

RESUMÉ

Publié en 1930 par la création graphico Urania, le roman *Le Quinze* était et est étudiée par de nombreux chercheurs de différents domaines de la connaissance. Dans le champ historiographique, est surtout utilisée comme une source d'étudier la sécheresse de 1915 à Ceará. Cette étude vise à refléter la façon dont les questions, l'historiographie et la critique littéraire construire un «lecteur idéal» pour le roman *Le Quinze* de Rachel de Queiroz, en créant des protocoles de construction et l'insertion lecture. Dans les mots, nous cherchons à discuter des relations de lecteurs avec le texte et le livre (support). Par conséquent, nous utilisons comme un éditions source de recherche *Le Quinze*, des articles de critique littéraire et productions historiographiques sur le premier roman de Rachel de Queiroz.

MOTS-CLÉS:

Le Quinze; lecture protocoles; lecteur idéal.

“O leitor é um produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo. Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por contra própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. (...) A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido.”

(A Invenção do Cotidiano – Michel de Certeau).

A definição acima, elaborada por Michel de Certeau, presente no livro *A Invenção do Cotidiano*, nos possibilita entender o leitor como consumidor e produtor. Ler é uma incessante busca por algo desconhecido, pelo imaginado. Os textos materializados nos livros são meios que nos possibilitam o encontro desse dito desconhecido e imaginável. Assim, leitores são “caçadores”, mas os autores não são a “caça”, pois a leitura é um processo de produção de sentidos. Desta forma, ao lermos, além de consumirmos o escrito, ao atribuímos significados ao texto, somos produtores de algo novo, pois “um texto sem leitor é um não texto, quer dizer, só pegadas negras em uma folha em branco” (CHARTIER, 2002, p. 88-90).

Quando pensamos na relação entre leitura e escrita como uma atividade criativa, “inventiva” e de produção, eliminamos a ideia de que o leitor é um receptor (consumidor) da escrita. Ao mesmo tempo, compreende-se que há uma ampliação do conceito de autor. O autor não é somente quem escreveu o romance, a crônica ou qualquer outra tipologia textual, igualmente quem lê também está produzindo textos.

Desta forma, os livros ganham continuamente uma nova interpretação produzida pelos hábitos de leitura que se modificam ao longo do tempo por questões diversas, sendo elas: aumento do nível de escolarização, lugar social do leitor, interesses que motivaram a leitura, entre outros. Nesse campo de batalhas e de forças diversas, a escrita cristaliza e produz memória de uma determinada época, de modos de vida, de pensar. Ao contrário da leitura, que é móvel, dinâmica. Sendo assim, a escrita e a leitura nos possibilitam “caminhar por diversos jardins” o que comumente não é permitido em nossa sociedade de tempos tão efêmeros.

Esse conjunto de imagens sobre o leitor que Michel de Certeau nos apresenta, será tomado como ponto de partida para construção deste texto, cujo objetivo é refletir como as edições, a produção historiográfica e a crítica literária construíram um “leitor ideal” para o romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz por meio da criação, elaboração e inserção de protocolos de leitura.

O QUINZE, ROMANCE “GENUINAMENTE CEARENSE”

Dolor Barreira, no livro *História da Literatura Cearense* (1948), publicado pelo Instituto do Ceará, faz um levantamento histórico dos principais literatos do Ceará e suas respectivas obras. Para tanto, Barreira produz três tomos para realizar tal exercício. Para nós, o tomo I é o mais significativo. Nele, o autor produz um capítulo cujo título lê-se: “Literatura das Secas”.

Barreira inicia o capítulo destacando *A fome* de Rodolfo Teófilo e *Dona Guidinha do Poço* de Oliveira Paiva como as primeiras “obras genuinamente cearenses”. Figura ainda o nome de Domingos Olimpio com o romance *Luzia-Homem*, Afonso Arinos, Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, Araripe Júnior, José do Patrocínio, entre outros, como literatos que compõem a literatura da seca.

Por fim, Barreira destaca o nome de Rachel de Queiroz com o romance *O Quinze*, tomando-o como marco de um novo estilo de escrever sobre a seca e, ao mesmo tempo, como uma escrita que encerra o ciclo de produções literárias sobre a seca no Ceará. Desta forma, essa obra de Rachel é o início (marca um novo modelo literário) e o término de um movimento literário, que Barreira classifica como “um dos ciclos literários mais originais das nossas letras” (BARREIRA, 1986, p. 104).

Para retificar seus argumentos sobre a importância do romance de Rachel de Queiroz, Barreira cita em nota de rodapé parte de um texto publicado por Tristão de Ataíde na revista *Estudos Quinta Série* no ano de 1930 após a publicação de *O Quinze*. Segundo Ataíde,

O romance é obra, ao que diz a autora, dos seus dezenove anos. E por um retrato publicado aqui na imprensa, e de cuja autenticidade não há motivos de duvidar, se confirma a afirmação. Sendo assim, é realmente notável a estréia. O livro possui qualidades literárias fora do comum. Escrever aos 19 anos com aquela segurança, aquela sobriedade, aquela incorporação da fala popular, aquele traço incisivo no fixar os tipos, aquela emoção contida, sem o menor vislumbre de literatura – só mesmo de quem possui dotes excepcionais de escritor que viveu intensamente a vida e, e especialmente o tema do livro.

Como se vê essa obra é um belo documento da nossa literatura feminina. Se bem que inferior, ao meu ver, ao que eu esperava pelo muito que dele prometeram, é sem dúvida um romance que não se confunde na nossa indistinta e que se revela em sua autora, o autor.¹

Antônio Sales, em 1897 publica o texto *História da Literatura Cearense*. No ano de 1939, o autor amplia essa escrita e a (re)publica no livro *O Ceará*. Essa releitura faz parte da publicação organizada por Raimundo Girão e Antonio Martins Filho, cujo objetivo seria criar “um repertório de estudos e valiosas informações que fotografam o Ceará com precisa nitidez” (GIRÃO; FILHO, 2011, p. 4).

Nessas fotografias, por meio do texto de Antônio Sales, consta o nome de Rachel de Queiroz e a sua narrativa sobre a seca de 1915. Para ele, os anos de 1920 e 1930 no Ceará, cuja marca é “a calamidade inelutável da seca”, afirmaram “a pajuçã mental produzindo alguns dos maiores nomes da literatura” (GIRÃO; FILHO, 2011, p. 106). Segundo ele é nesse mesmo período que surgiu

um grande acontecimento no domínio da literatura de ficção foi a revelação de Rachel de Queiroz. Seus três romances ‘O Quinze’ ‘João Miguel’ e ‘Caminhos das Pedras’ consagraram-na como um dos maiores nomes da moderna geração brasileira (GIRÃO; FILHO, 2011, p. 106-107).

Mas, qual o método utilizado por Sales para definir o que é literatura cearense? Segundo ele, era necessário que o autor tivesse nascido e publicado as suas obras no Ceará. Escritores como, por exemplo, José de Alencar não faziam parte da literatura cearense porque mesmo sendo natural do Ceará, sua produção intelectual foi produzida no Rio de Janeiro.

No caso de Rachel de Queiroz, embora ela tenha se mudado para o Rio de Janeiro em 1938, Sales considera sua produção intelectual “genuinamente cearense”. Pois, para ele, *O Quinze* representa a escrita da seca no Ceará. Além disso, a primeira publicação dessa obra ocorreu no Estado de nascimento da autora e ela continuou escrevendo em jornais do Ceará, quando já residia no sul do país.

Dolor Barreira, por outro lado, estabelece critérios diferentes para definir o que é ou não literatura cearense. Para Barreira (1986, p. 105) era necessário apenas que o escritor fosse “filho da terra cearense”. Ele ainda considerava como literatura cearense todas as obras publicadas por portugueses no Ceará. Tal critério foi usado também por Sânzio de Azevedo.

¹ O texto original se encontra na revista *Estudo Quinta Série*, nas págs. 93 e 96, porém citamos do livro: BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Edição Fac-similar. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.p. 321.

Em 1976, Sânzio de Azevedo publica seu estudo *Literatura Cearense*. Assim como os demais autores citados, Azevedo destaca a presença de Rachel de Queiroz no cenário da literatura a partir de seu romance *O Quinze*, levando em consideração a narrativa da seca contida no romance. O autor expõe uma síntese da obra dessa escritora para que o leitor possa visualizar o seu estilo nesse romance sobre a seca. Antônio Sales, Dolor Barreira e Sânzio de Azevedo são os principais teóricos que dão corpo à seara da discussão de uma essência literária cearense. Na qual estava em jogo a tentativa de definir o que seria esse campo literário.

Nessa dialética, para além de definir quem são ou não os verdadeiros literatos e o que é a literatura cearense, pautava-se com relevância a demarcação de um dos estilos de escrita no Ceará: a escrita sobre a seca. Aqui já possuímos um elemento para pensar o leitor ideal: o campo da teoria literária direciona o público a ler uma “obra genuinamente cearense”, cuja marca principal é a narrativa sobre a seca.

EM BUSCA DE UM “LEITOR IDEAL”

Livros são produtos que estão inseridos dentro de uma sociedade de consumo; eles fazem parte de demandas do mercado livresco e as editoras são empresas com fins lucrativos que dependem dos lucros obtidos com a venda dos livros para manter-se com as portas abertas, a publicação de um livro sempre é direcionada a um público consumidor. Livros são produtos que devem ser vendidos.

Com o intuito de vender, os editores elaboram projetos gráficos que despertem o desejo dos consumidores para possuírem o produto. Ao fazerem isso eles estão direcionando o olhar do leitor para determinados aspectos. Tais recursos gráficos utilizados pelos editores juntamente ao anseio dos autores são classificados como “protocolos de leitura”.

Esses protocolos produzem o “leitor ideal”, ou seja, um leitor que deve interpretar de acordo com o sentido direcionado pelo autor e pelo editor. Ao problematizar o processo de produção dos textos, Chartier (1996, p. 95) afirma que

podemos definir como relevante à produção de textos a senhas explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com a sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido.

A produção de um “leitor ideal” não está relacionada apenas com os textos, mas os projetos gráficos elaborados pelos editores também fazem parte desse processo. Os elementos que compõem os projetos gráficos para as edições de um livro são: as imagens, os *layouts*, a qualidade do papel, a diagramação, os prefácios, os textos em anexos, as notas de rodapés, as apresentações, entre outros recursos que direcionam a uma determinada performance de leitura.

É importante analisarmos com cautela os recursos tipográficos, pois eles em certos casos sobrepõem, “às vezes contraditoriamente, ao ‘leitor implícito’ imaginado pelo autor” (CHARTIER, 1996, p. 96). Cabe ressaltar que “leitor implícito” e “leitor ideal” são, segundo Roger Chartier, termos sinônimos, ou seja, se referem ao leitor que os autores e editores tentam produzir. No caso do campo tipográfico podemos perceber com maior facilidade os recursos usados quando procuramos identificar as facilidades de leitura que os editores procuram estabelecer.

Nessa busca por facilidades em certos casos ocorre a redução e a simplificação dos textos ou, no caso da versão em HQ do romance *O Quinze*², criam-se novos elementos que não são inerentes à obra. Tais elementos fazem surgir um “leitor em potencial”, ou seja, um leitor desatento que não consegue ir além do que a materialidade do impresso oferece uma leitura rasa e superficial, definida como “leitura implícita”³.

Ambos, autores e editores, fazem com que o leitor interprete de acordo com que as referências letradas ditam para a leitura de determinada obra. Porém, não podemos pensar o leitor e a leitura apenas de forma passiva. É preciso entender a leitura como uma prática social, conforme sugere Pierre Bourdieu (1996), e o leitor como consumidor e ao mesmo tempo produtor, deve-se entendê-lo numa relação de leitor autor.

No tocante aos protocolos de leitura pensados a partir das expectativas do autor, julgamos como importante analisar a apresentação feita por Rachel de Queiroz para a segunda edição d’*O Quinze*, em 1931. Nela, a autora inicia o texto justificando que a obra foi feita por uma jovem de apenas dezenove anos sem experiência no campo das letras, o que condiciona, segundo ela, a uma leitura parcial em relação ao uso da linguagem. Nesse sentido, é preciso entender que os erros fazem parte de uma primeira experiência de uma romancista.

² A versão d’*O Quinze* em história em quadrinhos foi produzida pela Editora Ática e publicada em 2012. A edição compõe a coleção *Clássicos da Literatura Brasileira*.

³ Sobre o assunto veja: CHARTIER, Roger. **Do livro à leitura**. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade: 1996.

Em seguida, Rachel traça um panorama quanto à linguagem utilizada no livro para compor as falas dos personagens. Segundo ela o romance foi feito numa

linguagem corriqueira de todo mundo, deixei que a pena corresse como corre na língua, e fui arrumando os verbos e as locuções, os adjetivos e os pronomes, (Nossa Senhora, os pronomes!) no nosso jeito habitual e caseiro, simplesmente, singelamente, como honestos matutos (QUEIROZ, 1931, p. 6).

Dessa forma, palavras como “inorar”, “andar por terra”, “espiritado”, “variar” e “nambi”⁴ deveriam permanecer no texto com a grafia conforme fala-se cotidianamente, porque segundo Rachel de Queiroz, trata-se de palavras “genuinamente cearenses”. O termo utilizado por ela para classificar as palavras citadas estão em diálogo com o texto de Antônio Sales citado anteriormente. Primeiro porque ela é cearense. E, em segundo, por seu romance falar do Ceará, conter expressões que são elaboradas e utilizadas por seus conterrâneos e, além disso, como já referido, a obra foi publicada pela primeira vez em sua terra natal. Podemos ainda perceber que ao trazer essa justificativa em relação ao vocabulário, Rachel de Queiroz insere-se na “literatura genuinamente cearense” e indica ao leitor a sua marca estilística.

Rachel de Queiroz conclui suas orientações quanto à leitura de seu romance da seguinte maneira: “poderia ainda explicar muita coisa... Mas, respeitável publico, com licença!, é melhor passar a pagina seguinte, e cada um vá julgando por si...” (QUEIROZ, 1931, p. 7). Com isso, surge uma nova chave de compreensão para “*As clássicas ‘Duas Palavras’*”⁵ da escritora.

Embora tenha iniciado seu texto de apresentação indicando roteiros de leituras por meio de esclarecimentos e pedidos de ressalvas, ela deixa o leitor livre quando a interpretação de seu romance. Sendo assim, apesar de existir o desejo de um leitor ideal para a sua obra, a autora dar a liberdade ao leitor para produzir novos significados para o texto. Há ao mesmo tempo um leitor ideal e um leitor autor.

Voltando às produções editoriais, dentre tantos elementos já citados, para o caso do livro *O Quinze*, gostaríamos de primeiramente trazer a tona o prefácio de Adolfo Casais que consta em diversas edições do romance. Porém, antes de analisar o texto de Casais nos perguntamos: o que é um prefácio?

⁴ Segundo Rachel de Queiroz estas palavras significam comentar, viajar por estrada de rodagem a pé ou a cavalo, danado, mudar e orelha, respectivamente.

⁵ Título dado por Rachel de Queiroz à apresentação do romance *O Quinze*.

Segundo o *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa*, prefácio “é um texto inicial que explica e apresenta um livro ao leitor”. Para o dicionário Michaelis são “palavras de esclarecimento, justificação ou apresentação que precedem o texto de uma obra literária, do próprio autor, editor ou outra pessoa de reconhecida competência ou autoridade”.

As duas definições, embora estejam escritas com estruturas diferentes, possuem o mesmo significado. Trazem alguns termos em comum que se tornam profícuos para entendermos as demandas de circulação e construção de leitor ideal para o nosso objeto de estudo como, por exemplo, “esclarecimento” e “explica”.

Impresso nas primeiras páginas das edições do livro, a crítica de Adolfo Casais Monteiro nos “explica” e “esclarece” alguns pontos da obra. Ao longo do texto Casais traz à tona muitas questões sobre o romance, mas a seguinte passagem é bastante elucidativa:

“É através da experiência, através do que ela sente, que os ricos e pobres confluem, é Conceição, pela inevitável fusão da personagem com a autora, que, integrando numa humanidade única dos dois veios da ação romanesca, a ambos torna reais - pois pelo efeito a receptividade da personagem é a mesma da romancista: é ela que dá autenticidade a cada um dos mundos, e, tornando-os próximos, evitando o perigo do romance social, como a sabida divisão entre ‘bons pobres’ e ‘maus ricos’, nos faz sentir, num plano muito superior, a igual inevitabilidade do drama sob ambas as faces.

Assim é que, por não ser um “romance social”, *O Quinze* é o mais notável, senão o único e verdadeiro romance social brasileiro – porque as classes não existem em fórmulas sublinhadas pelo romancista, mas no irremediável das coisas, na espontaneidade dos próprios fatos, quer eles sejam exteriores ou interiores, quer se passem à escalados grupos ou à de cada indivíduo” (MONTEIRO, 1970, p. 8).

Nesse trecho, Adolfo Casais coloca em questão a elaboração da personagem Conceição. Segundo ele, ela seria um autor-personagem, ou seja, é a própria Rachel de Queiroz que se insere dentro do romance por meio da personagem Conceição. Porém, cabe ressaltar que a personagem Conceição é uma idealização, pois a escrita literária exige uma ficção.

Em seguida coloca em questão algo que vinha sendo discutido desde o século XIX e ganha força a partir de 1922: a dicotomia entre rural e urbano. Nessa discussão estava em jogo a busca das verdadeiras tradições, dos costumes, dos hábitos, onde estaria a essência para compor, em primeiro plano, o que queria o “ser cearense” e em seguida dar corpo a uma brasilidade. Cearensidade e brasilidade eram as pautas principais.

Desta forma, a narrativa da seca de Rachel de Queiroz, diferente dos modelos vigentes de uma “literatura da seca” de até então, é, segundo Casais, o mais “autêntico” romance de cunho social da literatura brasileira. Percebe-se que aqui já temos outro elemento para se

pensar o romance. Além de representar de forma “real” a confluência entre o rural e o urbano por meio da divisão entre “bons pobres” e “maus ricos”, ele ganha a marca da autenticidade e unicidade.

Esses dois termos usados por Adolfo Casais (autenticidade e unicidade) são os menos que foram usados na tentativa de criar o conceito de brasilidade e a cearensidade. Mas, as considerações de Casais ora diferem, ora se aproximam das discussões que estavam sendo feitas no Ceará sobre a definição do que seria a literatura cearense, afinal o autor considera a obra de Rachel pertencente à literatura brasileira. Diante disso, surge uma interrogação: afinal, *O Quinze* é literatura cearense ou brasileira? Não cabe a nós responder esta pergunta. Dela, enquanto pesquisadores o que nos interessa é perceber como essas querelas vão se construindo, porém não iremos fazer isso neste trabalho de pesquisa.

Ler o romance como único é a proposta apresentada por Casais. Nesse sentido, a edição 34ª de *O Quinze* também é importante nessa problematização. Essa iniciativa tinha, assim como o texto de Adolfo Casais propunha, o objetivo de proporcionar ao leitor o contato com uma obra inigualável na literatura brasileira.

Nela, o poema de Manuel Bandeira intitulado “*Louvado para Rachel de Queiroz*”, adicionado à edição do romance pela primeira vez na edição comemorativa dos 40 anos, ganha um novo elemento: uma caricatura feita com a imagem de Rachel de Queiroz. Nesta mesma edição a folha de rosto também é bastante elucidativa. Nela pode-se ler: “Livraria José Olympio Editora apresenta a 34ª edição de *O Quinze*, romance de Rachel de Queiroz. Prêmio da fundação Graça Aranha. Ilustrações de Poty⁶”. Veja que a apresentação da editora já traça um perfil para o leitor do romance, indica o que ele irá ler. O breve histórico feito na folha de rosto do livro expõe que o leitor não possui em suas mãos apenas mais um livro. Trata-se de um romance que foi premiado com Prêmio Graça Aranha, um dos prêmios mais importantes no cenário da literatura brasileira da época.

Ainda na apresentação feita na folha de rosto, podemos identificar mais um elemento importante nesse processo de buscar estabelecer protocolos de leitura: a indicação da editora. Como é sabido de forma ampla, Rachel de Queiroz escolheu a José Olympio Editora como a editora oficial para a publicação de seus trabalhos, nesse sentido ao apresentar o romance o corpo editorial indica, assim como na 23ª edição o local que era possível comprar o livro: a

⁶ Para efeito de consulta ver: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 34ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

Livraria José Olympio. Além disso, menciona o projeto gráfico de ilustração de Poty, um dos projetos editoriais mais importantes da editora. Desta forma, Rachel de Queiroz e seu romance de estreia fazem parte do grupo seletivo dos romances e autores editados pela famosa J.O.⁷.

Voltando à caricatura, percebemos que a imagem reforça o texto de Manuel Bandeira num processo de bricolagem entre o escrito e o visual. O texto sozinho não possui a mesma significação do que com a imagem. Antes de ler o texto é possível saber de seu conteúdo, pois o recurso visual antecipa o que será encontrado pelo leitor. Porém, isso não significa que as inferências atribuídas pelos leitores serão todas iguais, afinal a leitura é algo dinâmico e está sempre em constante movimento. Podemos pensar essas relações de forma mais clara ao analisar a imagem.



Imagem 01: Caricatura de Appe feita para edição comemorativa do quadragésimo aniversário de publicação de *O Quinze*. Fonte: Rachel de Queiroz: os oitenta/depoimentos de diversos escritores. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

Esta caricatura se torna interessante para nosso entendimento na construção de um leitor implícito para *O Quinze*, pois possui alguns elementos que, mesmo olhando de forma rápida e despercebida, nos remete a determinadas leituras. A primeira é o número 15 em destaque que serve de base para o desenho de Rachel. O numeral automaticamente nos faz associar ao seu primeiro romance: *O Quinze*. O qual, segundo Jailma Moreira, é a partir da

⁷ Entre os intelectuais brasileiros era muito comum referir-se à editora e a Livraria José Olympio Editora com esta sigla.

publicação deste que Rachel de Queiroz ganha o reconhecimento pela crítica literária e dos intelectuais do eixo sul e sudeste de 1930 de sua escrita, e a partir disso “a autoriza a escrever”. Segundo Moreira,

“os mecanismos de reconhecimento, de familiarização e legitimação apontam para uma via de enquadramento, disciplinarização ou regularização discursiva. Rachel de Queiroz passa a ser enquadrada no movimento regionalista, aquele que grosso modo, valoriza as tradições” (MOREIRA, 2008, p. 30).

No poema, Manuel Bandeira não se refere apenas ao romance *O Quinze*. Nele o autor cita também o romance *As três Marias* e as obras *Lampião* e *Beata Maria*. Porém, na charge observamos apenas uma de suas obras. Nesse sentido as palavras de Moreira são salutares ao fomentar que Rachel se fez escritora a partir de seu primeiro romance que permitiu que ela escrevesse os demais. Mas, é preciso levar em consideração que toda a produção intelectual de Rachel de Queiroz diz quem é a escritora e ao mesmo tempo revela a “pessoa cotidiana” que ela era como bem ressalta Odalice de Castro Silva no artigo publicado na revista *Rachel de Queiroz: 100 anos* pela Academia Cearense de Letras em 2012.

O QUE DIZEM OS LEITORES

Durante a leitura das fontes e da bibliografia que utilizamos para a construção desse texto identificamos que para o caso do romance *O Quinze* não foram somente os recursos tipográficos e os mecanismos de escrita de Rachel que buscaram estabelecer um leitor ideal, criar performances de leitura implícita. É possível identificar que, em um primeiro momento, é a crítica literária que prescreve tipologias de leitura. Em seguida, são os projetos gráficos das edições elaboradas pelo Estabelecimento Graphico Urânia, pela Companhia Editora Nacional e a pela Livraria José Olympio Editora. Por fim, num momento posterior, as produções acadêmicas que tomaram *O Quinze* como objeto de estudo também contribuíram com esse processo.

Tendo em vista essa constatação, optamos em apresentar alguns estudos acadêmicos e artigos publicados em alusão ao centenário de nascimento de Rachel de Queiroz para compreendermos de que forma as produções sobre a obra também contribuem para descrever e direcionar a construção de um leitor ideal e, ao mesmo tempo, entender que existe sempre uma leitura na contramão das regras impostas, o que aqui chamamos de leitor autor.

Para Lourdinha Leite Barbosa⁸, n’*O Quinze* é possível constatar “que o fator climático, agregado a fatores sociais, econômicos e políticos, é causador do ambiente de miséria e injustiça, que expulsa os menos favorecidos e os reduz a nada” (BARBOSA, 2011, p 70). Barbosa, ao utilizar esse argumento esclarece um dos elementos do livro: como Rachel de Queiroz explica um dos fatores da narrativa da seca. Porém, Barbosa não se limita apenas ao tema da seca. Ela destaca outros elementos como, por exemplo, a presença de autor-personagem por meio da personagem Conceição, a dicotomia entre campo e cidade, a condição feminina na sociedade no início do século XX, ou seja, a autora apresenta uma infinidade de possibilidades de leitura para *O Quinze*.

Esse trabalho é extremamente interessante e instiga nossa curiosidade por conter um prefácio feito pela própria Rachel de Queiroz. Dessa forma, o autor do objeto de estudo da pesquisadora apresenta e analisa os dados abordados e problematizados sobre ele mesmo. Levando em consideração os elementos que trouxemos para refletir sobre o *metiê* de produzir um prefácio, o que Rachel de Queiroz fez para o estudo de Barbosa nos revela a sua dificuldade em lidar com os personagens que autora criou. Dificuldade que ela relatava sempre nas entrevistas que cedia. Para ela, nunca um personagem estava bom o suficiente.

Na revista *Rachel de Queiroz: cem anos* publicada pela Academia Cearense de Letras em 2012, dos dez artigos escritos por vários estudiosos no campo dos estudos literários para compor a revista, oito fazem referência ao romance *O Quinze*. Mais uma vez, percebemos como autor e obra se imbricam e como a obra define e cria uma memória de quem escreve. Rachel de Queiroz a escritora d’*O Quinze* ou, *O Quinze* de Rachel de Queiroz, tornam-se sentenças indissociáveis. Destaca-se dessa coletânea os estudos de Sânzio de Azevedo “*Rachel de Queiroz em seus primeiros tempos*”, Olalice de Castro e Silva “*Rachel de Queiroz: vida, memória, escritura*”, Ana Maria Roland “*Rachel de Queiroz e o romance das terras áridas*” e de Pedro Paulo Montenegro “*Rache de Queiroz romancista*”.

Sânzio de Azevedo destaca que a seca é o personagem principal do romance de Rachel de Queiroz⁹. Ao longo do texto, o autor traz algumas passagens do romance para que o leitor

⁸ A segunda edição do livro de Barbosa foi publicada em 2011 na **Coleção Nossa Cultura** pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará em comemoração ao **Ano Rachel de Queiroz**. BARRBOSA, Lourdinha Leite. **Protagonistas de Rachel: caminhos e descaminhos**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

⁹ Nos referimos ao seguinte texto: AZEVEDO, Sânzio de Azevedo. **Rachel de Queiroz em seus primeiros tempos**. In: GUTIÉRREZ, Angela; FIÚZA, Regina Pamplona. *Rachel de Queiroz: 100 anos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

possa entender de que maneira Rachel de Queiroz compõe sua narrativa para entender os dois planos da obra: a seca e o amor entre Vicente e Conceição.

Já Odalice de Castro e Silva, com a escrita de um texto denso, busca analisar a obra por meio de uma discussão sobre a importância do romance para a literatura brasileira e, em seguida, elenca alguns elementos contidos na obra que remetem a estilística de Rachel de Queiroz. Segundo Castro Silva, *O Quinze*

“[...] inscreve a recriação de fatos sociais, políticos, históricos, ligados à sobrevivência dos atores em dama, recriados por linguagens, segundo a maneira de Rachel, de instaurar situações indiscutivelmente reais, constantes até de noticiários de jornal – os retirantes, o desemprego, a fome, os campos de concentração ou hospedarias públicas em Fortaleza, mencionados pela narradora de *O Quinze*, a morte de crianças e animais -, bem como por linguagens de figurar imagens de natureza informativa” (SILVA, 2012, p. 98).

Pedro Paulo Montenegro segue os mesmos métodos que os autores acima citados para tecer seus comentários sobre o primeiro romance de Rachel de Queiroz. Segundo ele,

O Quinze é o romance da seca, avassaladora e devastadora, com sua terrível conseqüência para o homem: Conceição convence Mãe Nácia a partirem. Vicente quer ficar, salvar o gado. Dona Maroca manda soltar o gado – Chico Bento vende as rezes e parte com a família. Chegará à Amazônia? Não consegue as passagens e vai indo a pé. Um retirante em meio à seca. A fome e o cangaço. Aqui está o drama da terra, o dueto entre o homem e a terra, numa perspectiva de autêntico desafio (MONTEIRO, 2012, p. 112).

Os três estudos partem de um ponto de partida em comum: a seca. É esse elemento que serve de eixo explicativo para as narrativas explicitadas acima. Além disso, a seca é tomada como personagem. Mas, o personagem precisa ganhar vida. Para tanto, é o caminho percorrido pela família de Chico Bento que dá vida a esse personagem central da narrativa de Rachel de Queiroz.

Tendo em vista “que, a recepção é criação, e o consumo, produção” (CHARTIER, 2001, p. 13), analisaremos alguns trabalhos acadêmicos no campo das Letras e da História para percebermos como estas produções criam enredos para o romance de Rachel de Queiroz e ao mesmo tempo indicam roteiros de leitura para o mesmo.

Entre muitas publicações e estudos, escolhemos apenas aqueles que julgamos como os mais significativos para a discussão que estamos realizando. Cabe ressaltar que não queremos fazer uma análise detalhada dos conteúdos dos trabalhos que iremos expor. Nem tão pouco cristalizar as formas de representação do romance a partir do que problematizaremos, pois editores, tipógrafos, revisores e leitores estão constantemente produzindo novos significados e

interpretações para uma obra. Portanto, é impossível numerar todos os sentidos e significados que foi e será dado ao nosso objeto de estudo. Nosso interesse é refletir como se construiu uma narrativa acadêmica para “explicar” e “entender” o romance *O Quinze*. Segundo Roger Chartier, “[...] A leitura é um veículo que impõe uma autoridade. O texto transmite em sua leitura (ao menos é o que pensam os produtores dos textos) uma ordem, uma disciplina, uma forma de coação”.

Ainda em diálogo com Chartier, os autores, ao produzirem seus textos, partem de premissas com o objetivo de estabelecer regras de leitura. Porém, não é sempre que elas efetivam-se, pois ler significa produzir significados e, nesse processo de criação surgem novos textos a partir de um texto pré-existente. Por exemplo, em entrevista aos *Cadernos e Literatura Brasileira*, publicado em 1997, Rachel de Queiroz afirma que não era de seu interesse produzir um tratado sociológico da seca de 1915 no Ceará, embora a crítica literária e os estudiosos do seu romance afirmem tal consideração. Sendo assim, há modalidades diferentes de interpretação e significação no processo de leitura, as quais se diferenciam conforme o local social que o livro circula e do grau de instrução e do interesse do leitor.

Nesse sentido, vamos analisar algumas dissertações e teses que tomam o romance *O Quinze* como objeto de estudo. Suelem Maia Mariano de Souza, em seu trabalho de pesquisa intitulado de “*A realização de um imaginário sobre a seca de 1915 a partir do romance de Rachel de Queiroz*” (2008), considera a seca no romance de Rachel de Queiroz, como algo inacabado. E, por esse motivo, passível da construção de um imaginário da seca e do homem nordestino. Imaginário esse que se constrói através do personagem Chico Bento e sua família.

Já Cecília Luiza de Melo Rezende, em “*O Quinze de Rachel de Queiroz à luz da crítica literária sociológica*” (2011) realiza uma abordagem em torno da construção dos personagens do romance a partir da percepção da temática da seca levando em consideração os dois planos da obra: o romance entre Conceição e Vicente e a narrativa da seca por meio da saga da família do personagem Chico Bento. Segundo Rezende, Rachel de Queiroz

“consegue ir além das paixões, montando o emaranhado social da região nordestina em toda sua narrativa. Expressa a dificuldade da vida do sertanejo em função, principalmente, da acumulação do capital e da retenção do poder por parte dos grandes proprietários de terra, controlando as verbas que são destinadas a região, privando os trabalhadores e os pequenos produtores de um mínimo de dignidade, restringindo a quase nada o seu alimento, seu trabalho, a sua água. Também a realidade dos proprietários de terra foi bem incluída na narrativa, mostrando que à época da seca é também crítica e impiedosa com todas as camadas da população nordestina” (REZENDE, 2011, p. 54-55).

Veja que Rezende, ao analisar a forma em que Rachel de Queiroz traz a narrativa da seca em seu romance não se limita em apenas expor as questões locais, ou seja, do Ceará. Ela amplia a narrativa, utilizando-a como forma explicativa para todo o fenômeno da seca no Nordeste. É preciso esclarecer que ao trazer em nosso texto esses elementos não estamos querendo problematizar as questões relacionadas a seca no Ceará ou na região Nordeste. Nosso interesse é visualizar e em seguida problematizar essas interpretações, essa gama de sentidos e signos que são atribuídos ao *O Quinze*.

Joana Angélica de Souza Silva busca outros elementos na obra de Rachel de Queiroz. Em seu trabalho de pesquisa intitulado “*Álbum de leitura de Rachel de Queiroz*” (2011), Souza Silva procura traçar a trajetória intelectual de Rachel de Queiroz entre os anos de 1930 a 1960. Ao se referir ao primeiro romance de Rachel de Queiroz, Souza e Silva destaca a importância da publicação do mesmo por ter inserido a autora no campo das letras, antes possuído e experimentado em sua maioria pelo gênero masculino. Neste trabalho, em relação ao conteúdo abordado a partir do romance, Souza Silva traça um perfil de Rachel através da personagem Conceição. Ler o livro com ênfase na personagem citada é, segundo Souza Silva, dar a luz as experiências de leitura da autora d’*O Quinze*.

Patrícia Alcântara de Souza em “*Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos em O Quinze, As três Marias e Dora, Doralina*” (2008) se propõe a realizar uma análise das representações ficcionais das personagens de Rachel de Queiroz nos três romances citados no título de seu trabalho. Para ela, é imprescindível analisar o primeiro romance Rachel de Queiroz para entender de que forma a autora elaborava suas personagens e, nesse caso, para compreendermos de que forma a narrativa elabora cenários para falar de uma sociedade patriarcal na qual a personagem Conceição estava inserida. Ao mesmo tempo, Alcântara ressalta que atrelado aos elementos já citados estava o drama da seca.

Ângela Harumi Tamaru em sua tese de doutorado “*A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz*” defendida em 2004, na Universidade Estadual de Campinas, analisa de que forma Rachel de Queiroz constrói suas personagens em *O Quinze*, *Memorial de Maria Moura* e *A Beata Maria do Egito*. Para ela, no caso do romance *O Quinze*,

“Rachel de Queiroz mostra, em *O Quinze*, personagens degradadas pelo flagelo da seca em baixas condições sócio-econômicas. O que temos é uma tentativa de análise do destino do homem com a consciência da conjuntura em que se situa – a seca. Avulta, porém, a posição da mulher, tendo, como pano de fundo, os problemas geográficos e sociais nordestinos, cuja temática sistematiza-se com

base nos cenários e nos costumes, sem minimizar o papel da imaginação criadora perante esta nova personagem feminina emancipada” (TAMARU, 2004, p. 24).

Ao expor essas questões, Tamaru destaca que o romance se encaixa ao modelo da efervescência cultural dos anos de 1930 no Brasil. Ou seja, uma escrita de denúncia social. Ao mesmo tempo em que o romance marca um estilo novo, no tocante a forma descritiva da psicologia dos personagens. Ao mesmo tempo, ela atenta para os elementos que compõem a narrativa como, por exemplo, os relatos de casos “reais” atrelados à forma ficcional que pede o gênero de escrita. Assim, “real” e ficcional de cruzam, se encontram para compor o cenário da seca.

Dessa forma, ao traçarmos uma linha em comum entre os últimos trabalhos que citamos acima, percebemos que eles possuem muitos elementos em comum, entre eles está a tomada do romance como forma de narrar os eventos ocorridos na seca de 1915 no Ceará conforme já citamos.

Todos esses estudos se tornam importantes para compreendermos a construção de um leitor ideal, porque eles são lidos, passam por processos de significação por leitores ou futuros leitores d’*O Quinze*. Podem ser entendidos ainda como elementos extra livro que orientam determinados protocolos de leitura. Por exemplo, se pensarmos hipoteticamente em um leitor, que antes de ler o romance realize a leitura de um dos estudos aqui citados, ele buscará a todo o momento identificar os elementos que já possui conhecimento. Isso ocasionará uma leitura rápida e superficial, sem se atentar aos outros signos contidos no livro. Contudo, cabe ressaltar que não estamos querendo dizer que essa prática é uma regra, nem tão pouco fixar chaves de interpretação para entender a construção de uma leitura implícita de uma obra.

Até o dado momento, os estudos que trouxemos estão ligados ao campo da teoria literária. Tendo em vista que a ciência histórica não se eximiu do trabalho de tomar *O Quinze* como objeto de estudo, resolvemos refletir de que forma é analisado o romance de Rachel de Queiroz a partir de dois estudos. O primeiro trata-se do trabalho de Durval Muniz de Albuquerque Júnior intitulado de *A Invenção do Nordeste e outras Artes* e, o segundo *A Multidão na História: saques e outras ações de massa no Ceará* de autoria de Frederico de Castro Neves.

Mas antes, gostaríamos de destacar que durante todo esse trabalho evitamos utilizar o termo apropriação para nos referirmos aos elementos estilísticos da escrita de Rachel de Queiroz, por acreditarmos, assim como Roger Chartier nos aponta, que este termo se refere ao

estabelecimento da apropriação de algo, a tomar posse. Ou ainda quando Chartier faz referência a Michel Foucault que utilizou o termo “para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais” (CHARTIER, 2001, p. 67).

A nosso ver, termos como apropriação e influência são normativos dos discursos e no caso da escrita racheliana trata-se de uma escrita fluida, com suas peculiaridades e características próprias. Mesmo ela tendo tomado, em certa medida, com base as características estilísticas de Rodolfo Teófilo e Domingos Olympio, compreendemos esse recurso como referências para compor sua escrita. No entanto, nesse trabalho faremos uso do termo apropriação apenas para analisar as produções historiográficas citadas que tomaram a narrativa do romance *O Quinze* para discutir o tema da seca.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, com o objetivo de pensar a “construção do Nordeste” em *A Invenção do Nordeste e outras Artes*, torna-se interessante para o nosso estudo. No capítulo II, intitulado *Espaços da Saudade*, o autor busca por meio da análise de algumas obras literárias e da produção intelectual situar historicamente como a escrita foi delineando e definindo o que seria o Nordeste. Para ele, “Rachel de Queiroz se preocupa com a dicotomia entre tempo e espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 142-143) e n’*O Quinze* a autora

“[...] fala do drama pessoal e coletivo vividos pelos cearenses com a seca de 1915. Seus personagens são pessoas que corajosamente afrontam o artifício social em nome de uma verdade de si. São heróicos na sua luta contra o que há de jogo, de acaso no social. (...) Seus personagens afirmam a vida, apesar de todas as misérias sociais que os cercam, em nome dessa natureza última que um dia será restabelecida, esse encontro total entre ser e parecer que se restabelecerá com a superação da alienação das relações sociais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 83).

O texto de Durval apresenta os personagens de Rachel de Queiroz a partir de uma idealização, colocando-os como heróis. Porém, em diálogo com nossas fontes e com nossa fonte principal (o romance *O Quinze*), identificamos que na verdade, o romance de Rachel pertence ao movimento. Os personagens não são tidos como heroicos, nem colocados em uma relação idílica entre homem e natureza, embora a autora trate a relação campo e cidade em uma tessitura, onde o campo é tido como salvaguarda da pureza, da cultura genuína e dos costumes. Já Frederico de Castro Neves em “*A Multidão e a História: saques e outras ações de massa*” (2000) toma o romance de Rachel para explicar como se estabeleceu os processos

migratórios durante a seca de 1915 a partir da trajetória do personagem Chico Bento e sua família.

Para ele, os elementos narrados por Rachel de Queiroz servem como base para compreendermos de que forma se deu os processos migratórios do campo para a cidade, bem como para visualizarmos a nova estrutura política de salvaguarda da cidade de Fortaleza: o *campo de concentração*. O texto de Frederico se torna mais interessante, pois o mesmo coloca em diálogo o texto de Rachel de Queiroz com o livro *A seca de 1915*, escrito por Rodolfo Teófilo. Dessa forma, o livro de Rachel não é pensado de forma isolada, restrita, mas de acordo com as dinâmicas de leitura e escrita da autora.

UM LIVRO E UM LUGAR

Podemos pensar ainda o livro *O Quinze* como um lugar de memória. O conceito *lugar de memória* foi formulado por Pierre Nora¹⁰, porém aqui não tomamos o termo conforme elaborado por ele. Nosso diálogo se dá com Roger Chartier ao considerar que

“[...] as próprias estruturas dos livros são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada. Esta última (...) é sempre pensada como uma leitura que exige sinais visíveis (títulos antecipados ou resumos sintéticos e recapitulativos, ou ainda gravuras em madeira que funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória)” (CHARTIER, 1999, p. 20).

Desta forma, se dialogamos com Chartier, pode-se considerar *O Quinze* como um lugar de memória da seca de 1915 no Ceará. O livro (o romance) e a história (tida como ciência) criam uma narrativa, sendo o livro tomado pelo imaginário social como ponto de partida para a operação simbólica de compreensão dos fatos ocorridos no Ceará em 1915.

Comumente escutamos a seguinte expressão: Ah, a seca d’*O Quinze*?! Percebemos nessa frase o estabelecimento de uma relação entre o real e ficcional. Uma força criativa e inventiva dos usos do livro por aqueles que fizeram a leitura ou ouviram falar do romance de Rachel de Queiroz. O texto faz parte não somente do campo do impresso que deve ser decodificado e lido, ele também está no campo do simbólico, nas dinâmicas da memória

¹⁰ No texto Nora, esboça algumas definições e possibilidades para o conceito Lugar de Memória, reivindica uma posição entre História e memória. Para Nora, os lugares de memória precisam ser materiais, funcionais e simbólicos. Ver: NORA, Pierre. **Entre História e Memória: a problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10, São Paulo. PUC-SP, dezembro de 1993.

coletiva e do imaginário social. Essa inserção também se deu pelos recursos tipográficos utilizados pelos editores os quais, já elencamos e problematizamos neste texto.

Tento em vista a estrutura textual d'*O Quinze*, identificamos que é por meio de uma operação escrita que Rachel de Queiroz amarra os fatos, estabelece uma lógica narrativa aos modos de uma história tradicional “inventando” a narrativa da seca de 1915 no Ceará.

Assim o livro se insere no imaginário social como forma explicativa para referir-se a seca no Ceará em 1915, dispensando por alguns a consulta em outras fontes como, por exemplo, jornais da época, entre outras. A seca deixa de ser um fenômeno climático e passa a ser personagem na cultura oral, no cotidiano daqueles que leram ou não o livro de Rachel de Queiroz. Em outras palavras, *O Quinze* torna-se um lugar de memória.

Essa construção atribui-se também às demandas de circulação do romance. E quando analisamos os percursos d'*O Quinze*, percebemos que ele não ficou restrito apenas as estantes das bibliotecas particulares. Nos anos 2000, algumas escolas tornaram obrigatório o uso do romance como paradidático no ensino médio e a Universidade Federal do Ceará utilizou o mesmo como uma das obras da “literatura cearense” que deveriam ser lidas por aqueles que iriam tentar ingressar em algum curso de graduação na instituição¹¹.

Daí surge uma nova relação e novos espaços de circulação do livro. Agora ele está nas bibliotecas públicas e particulares e a leitura deixa de ser uma escolha, um prazer e passa a ser uma imposição. Dessa forma, é preciso lê-lo para entender no ambiente escolar a escrita do movimento modernista no Brasil e, em especial o romance regional com cunho de denuncia social de 1930. Temos mais uma vez procedimentos que direciona para a construção de uma leitura estrutural. Ou seja, uma “leitura interna que considera um texto nele mesmo e por ele mesmo, que o constitui como autossuficiente e procura nele mesmo sua verdade, fazendo abstração de tudo que está ao seu redor” (CHARTIER, 1996, p. 233).

Os títulos das traduções também podem ser pensados como ferramentas que servem para compor um leitor ideal. Na tradução para o francês o título se chama *O ano da Grande seca* (L'année de La grande sécheresse), na Alemanha o livro ganhou o nome de *O ano de 1915* (Das Jahr 15).

¹¹ Não foi possível dizer de forma precisa quais os anos que a Universidade Federal do Ceará utilizou o livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz em seus processos seletivos, porque a Coordenadoria de Concurso e Vestibulares (CCV) da referida universidade não possui um acervo documental para a consulta por pesquisadores. O que podemos afirmar é que o livro foi utilizado nos primeiros anos do século XXI.

ULTIMAS PALAVRAS...

Diante do exposto, podemos perceber que os estudos, prefácios, artigos de crítica literária, projetos gráficos, ilustrações, lugares de circulação e adaptações do romance *O Quinze* orientam sua leitura conforme os recursos que aqui elencamos e por meio de uma produção de significados que eles carregam. E, ao mesmo tempo, identificamos a presença de um leitor autor que também produz e indica práticas de leituras, produz sentidos e significados para o mesmo. Sendo assim, o romance de Rachel de Queiroz está em um constante processo de atualização de seus signos, sendo repensado, analisado, sendo ruminado e publicizado por diversos leitores. Afinal, é a leitura que dá vida a um livro e, portanto, *O Quinze* é vida, movimento.

FONTES

Rachel de Queiroz: os oitenta/depoimentos de diversos escritores. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 3ª Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

AZEVEDO, Sânzio de Azevedo. **Rachel de Queiroz em seus primeiros tempos**. In: GUTIÉRREZ, Angela; FIÚZA, Regina Pamplona. **Rachel de Queiroz: 100 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Edição Fac-similar. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **Do livro à leitura**. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999

_____. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GIRÃO, Raimundo; FILHO, Antônio Martins. **O Ceará**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

_____. **Cultura escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Gondin e Antonio Sabaroti**. Porto Alegre: ARRTMED Editora, 2001.

GUTIÉRREZ, Angela; FIÚZA, Regina Pamplona. **Rachel de Queiroz: 100 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. **O artesanato de si**: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, 2008

MONTENEGRO, Pedro Paulo. **Rachel de Queiroz romancista**. In: GUTIÉRREZ, Angela; FIÚZA, Regina Pamplona. Rachel de Queiroz: 100 anos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

MONTEIRO, Adolfo Casais. **Um romance que não envelheceu**. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora,

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1931.

REZENDE, Cecília Luiza de Melo. **O quinze, de Rachel de Queiroz**: a luz da crítica literária sociológica. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2011.

SILVA, Odalice de Castro. **Rachel de Queiroz, vida, memória e escritura**. GUTIÉRREZ, Angela; FIÚZA, Regina Pamplona. Rachel de Queiroz: 100 anos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

SILVA, Joana Angélica de Souza. **Álbum de Leitura de Rachel de Queiroz**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, 2011.

SOUZA, Suellem Maia Mariano de. **A realização de um imaginário sobre a seca de 1915 a partir do romance de Rachel de Queiroz**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2009.

SOUZA, Patrícia Alcântara de. **Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos em O Quinze, As três Marias e Dora, Doralina**. . Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás, 2008.

TAMARU, Ângela Harumi. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de campinas, 2004.

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em outubro de 2015.